



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

Comércio noturno em Juiz de Fora/MG: dinâmicas do espaço público e da vida urbana

Nocturnal commerce in Juiz de Fora/MG: dynamics of public space and urban life

COLCHETE FILHO, Antonio; Arquiteto e Urbanista (UFRJ); Doutor em Ciências Sociais (UERJ); Professor Associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFJF
arqfilho@globo.com

BRAIDA, Frederico; Arquiteto e Urbanista (UFJF); Doutor em Design (PUC-Rio); Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFJF
frederico.braida@ufjf.edu.br

FONSECA, Fábio; Arquiteto e Urbanista (UFJF); Mestre em Ambiente Construído (UFJF)
flf.arq@gmail.com

CARDOSO, Carina; graduanda em Arquitetura e Urbanismo (UFJF)
carinafolena@hotmail.com

TEODORO, Larissa; bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior (UFJF – FAPEMIG)
larissa_teodoro_ifsemg@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo principal analisar o desenvolvimento do comércio noturno na cidade de Juiz de Fora/MG, com relação às suas tipologias, locais de ocorrência e perfil dos consumidores, identificando potencialidades e desafios para este setor na cidade. Do ponto de vista metodológico, o trabalho se apresenta centrado na relação do comércio noturno com o desenvolvimento habitacional da cidade, da mentalidade cidadina, do pensamento globalizado, das atribuições da cidade-polo e da arquitetura que emerge das calçadas.

Palavras-chave: Comércio noturno. Espaço público. Juiz de Fora/MG.

Abstract

The aim of this article is to analyse the development of nocturnal commerce in the city of Juiz de Fora/MG, in relation to its typologies, places of occurrences and consumer profile, identifying potentialities and challenges for this sector on the city. From the methodological point of view, the work is centered on the relation of nocturnal commerce with housing development of the city, urban mentality,



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

globalized thinking, assignments of a great city and the architecture that emerges from sidewalks.

Keywords: *Nocturnal commerce. Public space. Juiz de Fora/MG.*

1 Introdução

A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais (JACOBS, 2009, p.29).

Se, por um lado, durante anos do século passado, as vias das cidades foram compreendidas pelos modernistas como estruturas predominantemente funcionais, que permitem a circulação no meio urbano, por outro, nos dias de hoje, sabe-se que as ruas são espaços vitais para a dinâmica urbana, pois funcionam também como locais de trocas simbólicas. Tal qual é apontado por Jacobs (2009, p.29) e defendido por Lynch (1997, p.52), as ruas extrapolam a função de canais de ligação, pois são elementos predominantes na paisagem urbana, através dos quais os habitantes intimamente observam e experimentam a cidade, sua organização e as relações entre seus variados elementos.

Sendo as vias estes locais de tamanha importância e visibilidade, não poderia haver uma atividade que se relacionasse tão intimamente com elas como o faz a prática comercial. Ruas, calçadas e vitrines formam um complexo sistema interdependente: o comércio vale-se da atratividade gerada pelos fluxos das calçadas, e estas, por sua vez, veem nos estabelecimentos comerciais o que Jacobs (2009, p.35) chama de “olhos para a rua”, uma vigilância constante que, juntamente com o fluxo que geram, transmite uma ideia de segurança.

Quando não somente margeia as calçadas, o comércio, não raras vezes, se apropria delas, tornando-as extensão de seus estabelecimentos ou *locus* exclusivo de suas práticas. Para ilustrar tais situações basta pensar nas tipologias comerciais da Medina, em Marrocos, da *Times Square*, em Nova York, ou da 25 de Março, em São Paulo. Cada uma dessas imagens mostra-se representativa da constituição social, cultural e econômica dessas populações. Entretanto, quando o sol se põe, quais são as imagens veiculadas por cada uma dessas cidades? Quais são as condições para que o comércio noturno se estabeleça em um meio urbano?

Vargas (2006) relaciona a existência de atividades de serviço e comércio em uma cidade à existência de um mercado consumidor, que segundo a autora deve ser definido pela quantidade de pessoas, poder de compra e perfil do consumidor.

No caso do comércio e serviços noturnos que imprimem à cidade a condição de cidade 24 horas, é necessário que consumidores aptos e interessados em ir às compras e aos serviços que estejam circulando neste horário. [...] O número e a intensidade de atividades que não podem parar durante a noite, (atendendo a uma população gigantesca) contribuem nesta direção, pelos usuários e pelos empregos gerados: hospitais, hotéis, gráficas, estações de comunicação, empresas internacionalmente conectadas com fusos horários diversos, trabalhadores de bares, restaurantes, teatros etc. (VARGAS, 2006, p.1)

Pelas colocações de Vargas, é possível perceber que existe uma relação entre a necessidade da oferta de serviços noturnos e a conseqüente demanda por atividades comerciais que os suportem devidamente. A autora ainda menciona o estilo de vida contemporâneo como um fator determinante para o sucesso dessas práticas comerciais, uma vez que a falta de tempo, em especial para os que

trabalham durante todo o dia, faz com que algumas das atividades cotidianas sejam realizadas à noite.

Assim sendo, Vargas (2006, p.2) aponta que o comércio acontece a partir da existência de um mercado e do fluxo das pessoas, de forma que “uma concentração em determinadas áreas da cidade tende a ser, na maioria das vezes um processo espontâneo”. Ainda segundo a autora, tanto o comércio quanto os serviços noturnos, sempre estiveram ligados às situações emergenciais, sendo encontrados entre os estabelecimentos que funcionam 24 horas: farmácias, postos de gasolina, borracheiros e supermercados. A vitalidade do comércio noturno de uma cidade se relaciona substancialmente com o papel desempenhado por esse centro urbano enquanto polo regional, ou de desenvolvimento de atividades específicas, como eventos e serviços especializados.

O estudo de caso desenvolvido no presente artigo analisa o comércio noturno da cidade de Juiz de Fora/MG, importante polo de serviços da Zona da Mata Mineira, sendo referência regional nos setores educacionais, comerciais, institucionais e de saúde. Com 516.247 habitantes (IBGE, 2010), Juiz de Fora vem experimentando um constante crescimento de suas atividades comerciais noturnas, que se dividem entre o comércio de conveniência, estabelecimentos alimentícios, lojas de atendimento 24 horas e setores de entretenimento. Analisar essas atividades com relação às suas tipologias, locais de ocorrência, perfil de consumidores e condicionantes, é uma tarefa imprescindível para se repensar o planejamento e gestão urbana sob a perspectiva da multifuncionalidade de espaços e fluxos, que se alteram nos variados turnos do dia.

Dessa maneira, busca-se aqui evidenciar as potencialidades e desafios para o comércio noturno em Juiz de Fora, incorporando à metodologia um estudo da trajetória do comércio noturno na cidade, feito a partir de memórias, registros bibliográficos e iconográficos. Através de pesquisas de campo foi feita a delimitação dos locais com maior incidência de atividades noturnas; a relação desses espaços com estabelecimentos de serviço; a identificação das tipologias em termos funcionais e arquitetônicos e seus respectivos consumidores.

2 O setor comercial em Juiz de Fora

Historicamente, o comércio juiz-forano está imbricado com o próprio desenvolvimento da cidade, pois vem sendo instituído desde a chegada dos primeiros portugueses na região às margens do Caminho Novo (estrada real de acesso às Minas Gerais). Foram os estabelecimentos comerciais, principalmente os armazéns, que estimularam a prosperidade da povoação do local. Segundo Guimarães (2008, p.34), foram os imigrantes portugueses que, em um período posterior, se fixaram no município e “em sua maioria, se estabeleceram financeiramente mediante pequenos comércios populares como padarias, bares e botequins”.

Também se verifica que uma grande influência no setor comercial de Juiz de Fora foi promovida por imigrantes sírios e libaneses, que viram nessa atividade um caminho para a prosperidade financeira. Seus estabelecimentos comerciais, em geral casas de tecido e armarinhos, locais em que geralmente também residiam, foram instalados em áreas de grande concentração urbana, como as vias centrais da cidade e as proximidades da Estação Ferroviária (GUIMARÃES, 2008, p.50).

Assim, o centro de Juiz de Fora foi sendo constituído: um equilibrado *mix* de funções (comerciais, prestação de serviços, habitação e lazer), que lhe garantiu, até os dias de hoje, a manutenção da vitalidade. Nesse contexto, deve-se destacar a presença das galerias comerciais associadas aos calçadões, configurando, nas palavras de Braida (2011) um espaço de “passagens em rede”. Logo, o centro de Juiz de Fora atua como “um *shopping* a céu aberto”, situação favorecida por sua configuração espacial que engloba vias, calçadões e galerias “que, por meio de espaços labirínticos conectam diversos quarteirões ali presentes” (ABDALLA, 2011, p.22), facilitando o deslocamento dos pedestres e, conseqüentemente, favorecendo não somente as trocas de bens e mercadorias, mas também as trocas simbólicas.

Por essas características supracitadas, Juiz de Fora ainda preserva o centro como um importante espaço dentro da dinâmica da cidade, pois detém a maior concentração de infraestrutura e de atividades econômicas e de serviços. Contudo, assim como as demais cidades de grande e médio porte, Juiz de Fora já apresenta alguns sinais do início de um processo de descentralização ou de polinuclearização. O uso intensivo do solo nas regiões centrais das grandes cidades brasileiras gera uma elevação do preço da terra, dos impostos e aluguéis dos imóveis nelas inseridas. Dessa forma, não só moradores, mas também “firmas, empresas e atividades que não conseguem se manter e pagar pelo alto preço da terra, deslocam-se ou descentralizam-se” (SCHWENK & CRUZ, 2005, p.182).

Motivados por questões financeiras, muitos comerciantes e prestadores de serviço acabam buscando outros lugares para se instalarem. Por exemplo, o reajuste de 400% no aluguel de imóveis no centro da cidade, fazendo com que seu valor médio passasse de R\$2.000,00 (dois mil reais) para R\$10.000,00 (dez mil reais), repercutiu no encerramento das atividades de lojistas que apresentavam dificuldade em arcar com os custos do posicionamento central, se traduzindo também na migração para outros bairros, onde os valores dos aluguéis se mostram mais acessíveis (TRIBUNA DE MINAS, 2011). Os principais focos de desenvolvimento do comércio juiz-forano atualmente ocorre nos bairros: Benfica, São Pedro, Manoel Honório, São Mateus e Alto dos Passos.

Mas esse princípio de descentralização já vem fazendo com que a Prefeitura de Juiz de Fora, por meio da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SPDE), inicie estudos para nortear a expansão comercial nos bairros. Segundo o secretário da SPDE, André Zuchi, a principal atenção deve se voltar para que não haja um esvaziamento do centro e conseqüente degradação, como ocorre em outros municípios. Contudo, Zuchi ressalta que é importante priorizar o desenvolvimento de diferentes regiões da cidade, de forma a implantar em seus bairros equipamentos como: “*shoppings*, hospitais, praças e jardins” (TRIBUNA DE MINAS, 2011), demonstrando uma linha de pensamento que considera investimentos em grandes equipamentos urbanos e em espaços públicos como fomentadores/incentivadores para o desenvolvimento urbano descentralizado.

Percebe-se, portanto, uma intenção do governo local de continuar garantindo a vitalidade da área central de Juiz de Fora e, ao mesmo tempo, reforçar novas centralidades. Do ponto de vista do comércio noturno, a criação de novos núcleos já se manifesta como uma realidade. Cabe então mapear a distribuição do comércio noturno pela cidade e questionar sobre o porque da expansão dessa modalidade de comércio para fora da área central, a fim de compreender a lógica da vida noturna em Juiz de Fora e as estratégias de localização das atividades a ela vinculadas, bem como suas potencialidades. Acredita-se que a evidenciação de algumas respostas

para a questão colocada, no âmbito mais específico, oferece subsídios relevantes para orientar os modos de intervenção na cidade e, de forma ampla gerar reflexões sobre a lógica do comércio noturno em cidades de médio porte.

3 O comércio noturno em Juiz de Fora

Ao se analisar a distribuição do comércio noturno em Juiz de Fora, percebe-se que há uma concentração de estabelecimentos nos bairros anteriormente citados como paradigmas de expansão comercial. Mas há também, conforme identificados na imagem abaixo (fig. 1), relevantes pontos comerciais e de prestação de serviços em bairros como Novo Horizonte, Aeroporto, Jardim Glória e no próprio Centro, ainda que em número bem inferior ao já experimentado em tempos passados.

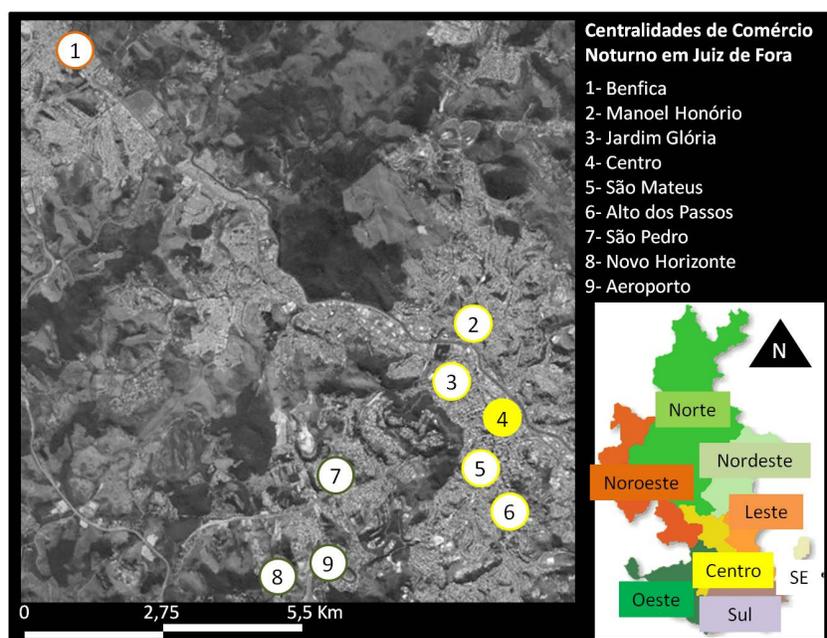


Figura 1: Centralidades de comércio noturno em Juiz de Fora

Fonte: Imagem satélite - Google Earth (2012). Regiões de Juiz de Fora - Acessa.com (2012).

Pode-se afirmar que, pelo menos em parte, a descentralização comercial contemporânea na cidade advém de um processo iniciado com a transição da elite que estava instalada no núcleo central para residências na periferia. Esse quadro intensificou-se a partir da década de 1980, quando bairros como Santa Helena, Granbery, São Mateus e Bom Pastor começaram a se verticalizar diante da saturação do Centro e da valorização de suas terras. Durante décadas o Centro de Juiz de Fora foi referenciado como principal bairro residencial da cidade. Essa condição, conforme apresentada em estudos anteriores (COLCHETE FILHO et al., 2011), teve, a partir de meados do século XX, o seu ápice, coroado com o advento da verticalização e das habitações coletivas ao longo da Avenida Barão do Rio Branco. Com edifícios de altura considerável e ocupação quase integral dos terrenos, o centro de Juiz de Fora contava com uma densidade populacional que, à época, apresentava-se muito superior à densidade das demais localidades da cidade, ainda constituídas por casas.

Jacobs (2009, p.165) defende que a diversidade no meio urbano tem como pilar a alta concentração de moradores, alcançada, por exemplo, com a verticalização. Outros pontos levantados pela autora como agentes promotores da diversidade são: coexistência de edifícios de idades e estados de conservação variados, quadras curtas e atendimento a mais de duas funções principais. Todas essas características são percebidas no centro de Juiz de Fora, e no terceiro quartel do século XX, o misto de funções como morar, trabalhar e recrear formavam um espaço complexo, que contava com cinemas, faculdades, hotéis, bares, cafés, casas noturnas e restaurantes.

Porém, desde as últimas décadas do século passado, outras centralidades começam a se constituir na cidade. Também detentores de altos índices de densidade populacional, as novas localidades acabam por desenvolver os elementos geradores de diversidade, atraindo um novo público e expulsando outros para além de seus limites. Aos poucos, a cidade vai se desenvolvendo para longe do núcleo central: novos carros, novas linhas de ônibus, novos conceitos de moradia e novos loteamentos alteram os referenciais da população local e fazem com que aqueles bairros, que outrora eram paradas finais de bondes, se transformem em caminho para novas localidades, atuando como subcentros da cidade.

Sendo assim, não tardou para que o comércio se desenvolvesse nos bairros adjacentes ao Centro e, mesmo onde a Legislação de Uso e Ocupação do Solo (1986) restringia as atividades comerciais mais amplas, a oferta concretizou-se em localidades vizinhas. O Bom Pastor, bairro de classe média alta que na década de 1990 era o grande representante da habitação coletiva de alto padrão, perante à legislação, só tem permitido o comércio de pequeno porte de bairro. Dessa maneira, começou a se relacionar de forma direta com o bairro vizinho, o Alto dos Passos, cuja oferta de comércio e serviços atende a população da região.

Hoje, o Alto dos Passos tornou-se uma referência para o comércio noturno e a primeira grande âncora do desenvolvimento desse setor foi a implantação de uma franquia da rede de *fastfood* McDonald's, em um cruzamento estratégico, próximo à Avenida Rio Branco. Não se trata somente da oferta de um terreno de dimensões consideráveis, mas os aspectos simbólicos alinhavam o *locus* da elite, o marco da expansão urbana sentido sul, e uma nova mentalidade de vida ágil e motorizada. A implantação do McDonald's no Alto dos Passos foi tão bem sucedida, que ainda se encontra no mesmo local e funcionando 24 horas por dia. Esse sucesso não foi mero golpe de sorte, foi fruto do que Heliana Comin Vargas (2006) aponta como essencial à implantação de um empreendimento comercial: dimensionar o público e defini-lo segundo seu perfil e poder de compra.

Contemporaneamente ao McDonald's, se instalaram nas imediações do Alto dos Passos vários estabelecimentos comerciais noturnos, incluindo um extinto precursor do *fastfood* em Juiz de Fora e um bar muito popular entre os jovens na década de 1990, o "Universidade do Chopp", com um nome descontraído que fazia referência ao caráter universitário e boêmio da cidade.

Percebe-se que o sucesso dos estabelecimentos comerciais noturnos e o fluxo de pessoas no Alto dos Passos estimularam o surgimento de um número ainda maior de lojas, principalmente de bares. Esse fator fez com que começasse a ocorrer uma identificação daquelas calçadas como o ambiente de encontro, em primeiro plano de amigos e, aos poucos, se convertendo no espaço público de comunicação e trocas simbólicas, entre conhecidos ou até mesmo entre estranhos,

seja, por exemplo, nas comemorações de torcidas de futebol ou nas festas de Carnavais e Copas do Mundo.

O Alto dos Passos conta ainda com um posto de gasolina (instalado antes mesmo do McDonald's) e com um supermercado, ambos de funcionamento 24 horas. Ainda sendo o único supermercado da cidade a funcionar durante a madrugada, o "Bahamas 24 horas", é responsável pela demanda noturna de toda a cidade, atuando como um importante estabelecimento-âncora na atração de fluxos e usuários durante a madrugada.

O supermercado conta também com um conjunto de lojas, dentre as quais uma drogaria, cujo horário de funcionamento é de 24 horas também. As instalações desses tipos de comércio se relacionam com as modalidades de serviço noturno que se localizam nas imediações: a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, o maior hospital da Zona da Mata; o Hospital de Pronto Socorro Dr. Mozart Teixeira; a Casa de Saúde HTO e estações de rádio.

Todos esses estabelecimentos trazem para essa região um fluxo intenso advindo de todo o município e de cidades vizinhas, sendo responsável não só pelo trânsito noturno de pedestres e automóveis, como também, pela inserção nessa área de uma oferta maior de transporte coletivo e de serviços de táxi. Dessa forma, evidencia-se uma relação de reciprocidade: ao passo que o setor comercial suporta o de serviços, fornecendo aos seus usuários opções de comércio de conveniência, ele se beneficia da infraestrutura urbana que a proximidade a essas centralidades lhe oferece.

3.1 O declínio do comércio noturno no Centro

A maior efervescência do comércio noturno central se deu a partir de meados do século XX, e atendia a variados segmentos sociais. No entorno do Cine-Theatro Central, na Rua Halfeld, a elite tinha seu espaço em elegantes estabelecimentos, como o "Bar Salvaterra" e o restaurante "Faisão Dourado". Um reduto mais popular se firmava nas adjacências das avenidas Getúlio Vargas e Francisco Bernardino, onde se encontravam os cafés "Internacional" e "Dia e Noite". Já na margem do Rio Paraibuna, oposta à "elegância central", se desenvolveu o local conhecido como Zona Boêmia de Juiz de Fora.

Nas imediações das ruas Vitorino Braga e Henrique Vaz, residências singelas se misturavam com prostíbulos, dentre os quais a famosa "Casa da Hollywood", em um cenário agitado e que recebia constantemente batidas policiais. Também um emblemático estabelecimento da área era o "Bar Brasil". No entanto, com o crescimento da cidade rumo às áreas adjacentes ao centro, essa antiga Zona Boêmia de Juiz de Fora foi perdendo sua característica primeira, convertendo-se em uma região ocupada por uma classe média baixa. Como índice desse tempo, resta ainda uma das mais famosas casas noturnas da cidade, o "Sayonara Night Club", que todas as noites abre suas portas a um público adulto e majoritariamente masculino.

Já no centro da cidade, a dinâmica do comércio vem se adaptando à realidade contemporânea, às novas demandas. Por exemplo, a cidade, um dia nomeada "Manchester Mineira", dotada de muitos prédios de antigas fábricas, recicla esses grandes edifícios, convertendo-os em espaços culturais ou dedicados ao setor terciário, seguindo uma tendência recorrente nas cidades competitivas (SÀNCHEZ, 2010).

A antiga fábrica de tecidos Bernardo Mascarenhas, situada à Avenida Getúlio Vargas, se tornou um centro cultural e abriga o mercado municipal da cidade. Já a “Companhia Fiação e Tecelagem Santa Cruz”, localizada à Rua São Sebastião, também no Centro, acabou por sediar o “Santa Cruz Shopping”, o primeiro a dispor de um programa arquitetônico que, em suas devidas proporções, reproduzia com fidelidade a conceituação dos *shopping centers* das grandes cidades: lojas, praça de alimentação, salas de cinema, amplo estacionamento e um parque infantil.

As novas salas de cinema do Santa Cruz não eram tão suntuosas como os antigos cinemas da cidade, o Cine-Theatro Central ou o Cinema Excelsior, por exemplo, contudo, se adequavam em tamanho e tecnologia audiovisual ao cotidiano da população, marcado pelo advento de videocassetes, TVs por assinatura e uma indústria cinematográfica, com lançamentos mensais exibidos simultaneamente em diferentes salas.

Aos poucos os cinemas de rua de Juiz de Fora foram fechando suas portas. Com eles diminuiu também o público remanescente que nas décadas anteriores povoava boates, bares, discotecas, casas noturnas, restaurantes e cafés no Centro. Entre a descentralização e as demandas da sociedade contemporânea, ficaram na memória dos juiz-foranos grandes emblemas do comércio noturno das décadas de 1970 e 1980, como a “Casa da Seresta”; a boate “Le Roy”; a “Disco Club Girafão” e a “Oxalá Drink’s Bar”.

3.2 Novas centralidades do comércio noturno em Juiz de Fora

Com o Santa Cruz Shopping prosperando com seu comércio e cinema, não tardou para que o Alto dos Passos ganhasse um exemplo similar. Em 1999 foi inaugurado próximo ao McDonald’s o Shopping Alameda, que apesar de apresentar um número consideravelmente inferior de lojas do que o seu concorrente central, incluiu em seu programa arquitetônico cinco salas de cinema, com tecnologia audiovisual mais avançada e mobiliário mais confortável; não tardou a se tornar preferência no setor de entretenimento.

O grande diferencial do Shopping Alameda se deu em seu partido arquitetônico: com uma implantação horizontal, acompanhando a Rua Morais e Castro em um bom trecho, suas lojas ficam todas voltadas para a via, dispondo à sua frente de um generoso espaço de circulação que atua como uma espécie de alpendre. A praça de alimentação do shopping também se volta para a rua (fig. 2).

Ao contrário do Santa Cruz Shopping, o Alameda não se valeu da arquitetura comumente adotada nesse tipo de tipologia: fechada em si, na qual o usuário perde o contato com o ambiente urbano externo e inclusive a noção do tempo. Esse aspecto arquitetônico trouxe para as imediações do Alameda um ganho importantíssimo: o contato shopping-calçada surtiu um efeito de comércio de rua, voltado a um público mais abastado, mas cuja animação e dinâmica repercutiam no espaço público. Logo o Alameda virou um fenômeno de frequência, aumentando ainda mais a vitalidade noturna do Alto dos Passos. Em seguida, vários estabelecimentos começaram a surgir nas imediações: construções históricas eram convertidas em pizzarias, restaurantes, lojas de roupas, farmácias que devido ao movimento de público passaram a acompanhar o horário de funcionamento do shopping.

Anexo ao Alameda também foi aberta uma loja de jogos eletrônicos e ainda no início dos anos 2000, as primeiras LAN houses da cidade foram inauguradas na

mesma rua. Essa modalidade comercial imprimiu ao Alto dos Passos e São Mateus, posteriormente em outros tantos bairros residenciais, uma dinâmica de comércio noturno diferenciada: grande parte delas funcionava 24 horas, sendo oferecido um preço promocional para o uso dos computadores na madrugada.

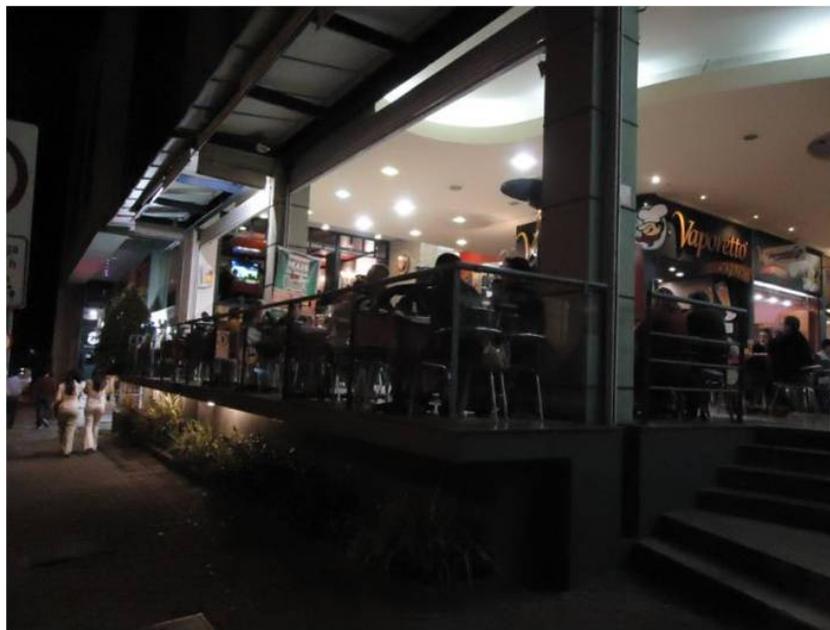


Figura 2: Praça de alimentação do Shopping Alameda.

Foto: Cardoso, 2012.

Com base nesse quadro de intensificação do fluxo noturno no Alto dos Passos, o Alameda mostra-se, do ponto de vista funcional, um paradigma de como a solução arquitetônica do comércio que atua em horários diferenciados pode explorar as características já evidenciadas no contexto urbano em que um empreendimento é inserido. Trabalhar para um público cada vez mais informatizado e ávido por novidades, representa para o empreendedor e para o arquiteto, lidar de forma abrangente com a criatividade e o apelo visual do estabelecimento, buscando sempre a satisfação da clientela.

No próprio Alto dos Passos é possível encontrar espaços comerciais que se valeram da ousadia arquitetônica como fator de atração de clientes. Um exemplo paradigmático era o “Arriba Mexican Fun Bar”, um misto de bar com casa noturna de temática mexicana. O Arriba tinha seus planos de fechamento concebidos de forma irregular, e a colunata inclinada na fachada lateral dava ao observador a impressão de que a edificação estava ruindo; a pintura seguia a típica paleta de cores fortes mexicanas. Sua arquitetura, visionária para alguns e disparatada para outros, não passava despercebida e era bastante representativa das características da casa: a intensidade do tempero mexicano e a animação das rodadas de tequila no balcão. Consideravelmente descaracterizadas, atualmente as instalações do antigo Arriba abrigam uma pizzaria, que substituiu as cores vibrantes da fachada por tons mais neutros e condizentes com seu caráter tradicional.

Outro restaurante da região, a “Churrasqueira” (fig. 3), também adotou uma solução plástica e estética diferenciada para atrair o consumidor. As paredes de

tijolos maciços aparentes em conjunto com o telhado de grande inclinação fazem referências a duas importantes vertentes arquitetônicas de Juiz de Fora: a arquitetura fabril de inspiração inglesa e as edificações em estilo chalé, de influência germânica. Aos poucos, e sem um período de início determinado, o comércio juiz-forano começava a assumir suas identidades históricas e culturais, de forma a entendê-las a partir da valorização e da atratividade que exerciam para o seu público consumidor, e esse não era um fenômeno exclusivo do Alto dos Passos, pelo contrário, a grande representatividade desse tipo de pensamento ocorreu nos bairros da Zona Oeste da cidade, principalmente nas modalidades de casas noturnas.



Figura 3: Restaurante Churrasqueira.

Foto: Cardoso, 2012.

No bairro São Pedro, que abrigou no passado uma das colônias alemãs da cidade, foi inaugurado em 1991 o “Vila das Tochas”, o primeiro bar temático da cidade, e que seguia a linha de alguns estabelecimentos litorâneos do Brasil (GERMAN VILLAGE, 2012). Com uma proposta diferenciada, o “Vila das Tochas” se constitui em um espaço aberto permeado por quiosques de madeira e espaços verdes, onde o paisagismo foi trabalhado de forma a referenciar um ambiente praiano, incorporando palmeiras e espécies tropicais.

Anexo ao “Vila das Tochas” está o “German Village” (fig. 4), uma casa de shows que, conforme o nome sugere, apresenta uma arquitetura de influência germânica, reproduzindo através das fachadas ornamentadas em madeira e dos telhados do tipo chalé, as construções das vilas medievais alemãs. Implantar uma casa noturna no bairro São Pedro na década de 1990 foi uma decisão acertada. A região apresenta altos níveis de expansão habitacional e a Universidade Federal de Juiz de Fora, que se localiza no bairro Martelos, vizinho ao São Pedro, também introduz nas adjacências diversas manifestações de moradia estudantil. O que chama atenção no exemplo do “German Village” é a forma como a temática do

espaço foi adequada àquele contexto urbano, levando em consideração o caráter histórico e cultural de formação do bairro.



Figura 4: German Village.

Fonte: Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~catm/german_g1.htm>. Acesso em: 24 set. 2012.

Ainda que se questione o fato de que em Juiz de Fora, com poucas exceções, a arquitetura germânica não tenha se apresentado nos padrões das vilas medievais, o “German Village” é bastante representativo do que Sánchez (2010, p.384) chama de “reinvenção dos conteúdos urbanos e históricos da cidade”, um processo que toma conta dos grandes centros no contexto competitivo, mas que pode ser levado para a elaboração do caráter estético das atividades comerciais também.

A valorização da formação cultural do município é um ponto que vem sendo recorrente no comércio noturno juiz-forano, em especial nos bairros da Zona Oeste, que sediaram as colônias de imigrantes alemães no município. Inúmeras cervejarias e pizzarias artesanais se instalaram nos bairros Novo Horizonte, Aeroporto e Borboleta: um rentável retorno às raízes das colônias de imigrantes da cidade que vem também acompanhado de outras modalidades gastronômicas, formando centralidades noturnas em localidades pacatas durante o dia.

O grande paradigma do setor de entretenimento no comércio noturno de Juiz de Fora foi construído em 1999: a casa noturna “Privilège” (fig. 5). O projeto de autoria do escritório Mascarenhas Arquitetos Associados previu a adaptação de uma antiga construção do bairro São Pedro, conhecida como Chalé dos Ingleses, caracterizada pela fachada de tijolos aparentes e pela disposição simétrica das aberturas. Como a construção original não comportava o programa arquitetônico de uma casa noturna foram criados anexos à edificação, volumes de vidro que não só se integraram ao chalé, como também propiciaram aos usuários um contato visual com a natureza do entorno, uma bela mata (MASCARENHAS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2012).



Figura 5: Boate Privilège.

Fonte: Disponível em: <<http://www.mascarenhasarquitectos.com.br/projetos/lazer-e-entretenimento/privilege-juiz-de-fora/>>. Acesso em: 24 set. 2012.

O requinte arquitetônico do Privilège é um “cartão de visitas” fiel da proposta da casa que, focando em um público mais elitizado, é responsável por trazer à Juiz de Fora astros da música nacional e internacional. É fato que o Privilège seguiu a lógica de implantação em um local da cidade vizinho aos condomínios fechados da zona oeste, portanto próximo a um público em potencial. Contudo, o sucesso alcançado pela casa noturna até os dias hoje deve em muito à constante atualização de seu programa arquitetônico, seja inserindo novos usos ou ampliando e reformando as instalações existentes, de forma a sempre surpreender o usuário e prover o estabelecimento de diferenciais que fidelizam a clientela.

3.3 Centro, subcentros e os espaços públicos

Com os setores de comércio noturno mais voltados para a elite estabelecidos no Alto dos Passos e São Pedro, a região central passou a abrigar tipologias que atendem um padrão mais popular, ainda que permaneça bastante variado. Com o Cine Palace ainda em funcionamento e com o Cine-Theatro Central, em dias de espetáculo, atraindo fluxos noturnos no calçadão da Rua Halfeld. Também se encontram bares espalhados pelas ruas centrais, em especial, próximo à Praça da Estação. Dentre eles, vem se destacando o “Bar da Fábrica”, localizado no complexo de edifícios associados ao Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, cujo acesso se dá pela Praça Antônio Carlos.

Uma área cara ao Centro, a Praça Antonio Carlos dispõe não só de áreas verdes como também de uma pista de skate e palco, sendo dessa forma, sede de inúmeros eventos ocorridos na cidade, e elemento de fundamental importância na inserção de fluxos noturnos. Foi nesse local que foi instalado o Bar da Fábrica, que mesmo não dispondo de uma área muito grande, é responsável pela atração de um público de variadas faixas de renda proveniente de vários pontos da cidade. Mas

essa não é a única associação entre comércio noturno e praças. Situações similares são encontradas nos bairros Manoel Honório, Benfica, Alto dos Passos (fig. 6) e Jardim Glória, que se configuram como subcentros comerciais que atendem aos bairros vizinhos.

Nesses exemplos, restaurantes, bares, quiosques e pizzarias se abrem para esses espaços públicos, que se tornam não somente uma área de suporte para colocação de mesas, como também um espaço multifuncional, onde pode ocorrer uma apresentação musical, onde uma criança pode brincar sob a vigilância dos pais ou onde depois de um dia de serviço um trabalhador pode ter um lazer em uma área menos árida da cidade, sendo por natureza, ambientes favoráveis à prática comercial e cuja implantação em diferentes pontos do município mostra-se fundamental.



Figura 6: Quiosque do Aloha (Alto dos Passos).

Fonte: Cardoso, 2012.

Contudo, não são somente as praças são apropriadas pelo comércio noturno, as calçadas das vias locais de bairros como o São Mateus são verdadeiras extensões de bares e lanchonetes, nele encontrados em grande número. Cortado pela Avenida Presidente Itamar Franco, uma das principais vias de acesso à Zona Oeste e à Universidade Federal de Juiz de Fora, o São Mateus é um bairro pelo qual circula um grande número de coletivos, e que dispendo de um comércio variado e de tipologias habitacionais de diferentes padrões, acaba por se constituir em um excelente local para a moradia tanto de famílias quanto de estudantes, sem contar o setor hoteleiro: dois importantes hotéis da cidade situam-se no bairro, o que dinamiza consideravelmente os fluxos da região.

Como consequência, este é um dos locais mais frequentados da cidade no período noturno: lanchonetes e bares aglomeram mesas em suas calçadas e pessoas que acabam por invadir o leito das vias nos horários mais movimentados. Esse quadro é muito comum nas ruas Oswaldo Aranha e Dr. Romualdo, onde o “Bar do Bigode e Xororó” e o “Bar da Esquina”, respectivamente, atraem tantos

frequentadores que à noite não se consegue ver o interior dos estabelecimentos (fig. 7 e 8).



Figura 7: Aglomeração no Bar do Bigode.

Fonte: Cardoso, 2012.

É interessante notar que, diferentemente do que ocorre no Alto dos Passos, os bares e lanchonetes do São Mateus não lançam mão do apelo estético ou da solução plástica arquitetônica de destaque, pois geralmente se localizam em lojas no térreo dos edifícios residenciais, mas esses bares marcam sua presença, em muitos casos, pela especialização comercial ou do tipo de serviço prestado: no caso do “Bar do Bigode”, seu torresmo é uma referência na cidade; já o “Bar da Esquina” é um reduto tradicional de torcedores que ali se reúnem para ver as partidas de seus times de futebol.

A prosperidade desses estabelecimentos estimula a implantação de outros bares em seu entorno. Vale destacar que essas tipologias, quando inseridas em edificações posteriores ao Código de Edificações (1986) e que, conseqüentemente, respeitam os recuos mínimos da legislação, acabam por incorporar ao programa arquitetônico *decks* (fig. 8) que funcionam como áreas de suporte à colocação de mesas, em contato direto com as calçadas, demonstrando uma reflexão acerca da importância da relação entre espaço público na atração de novos frequentadores.



Figura 8: Relações do espaço público e semi-público.

Fonte: Cardoso, 2012.

4 Considerações finais: breves conclusões e algumas perspectivas

Juiz de Fora tem experimentado nos dias de hoje mais uma fase de seu desenvolvimento comercial noturno. Além da instalação de uma franquia do *Habib's* próxima à Santa Casa de Misericórdia, em 2008, foi inaugurado na cidade o “Independência Shopping”, o maior shopping da região, com uma arquitetura típica dos *malls*, várias lojas-âncora, cinco salas de cinema do tipo *stadium* e amplo estacionamento. O shopping, que atende a um padrão social mais elitizado, se localiza na Avenida Presidente Itamar Franco, próximo ao hospital Monte Sinai, à Universidade Federal de Juiz de Fora e ao supermercado “Bretas Estrela Sul”, em uma área estratégica de expansão da cidade.

Decorridos pouco mais de quatro anos da inauguração do Independência Shopping, as imediações do empreendimento já estão consideravelmente ocupadas. Além de uma grande expansão do referido hospital, prédios residenciais e comerciais foram construídos. Também mais um pequeno shopping, em funcionamento desde 2009, foi edificado à moda do Shopping Alameda, porém focando exclusivamente no setor de design de interiores e construção, complementado por um café, outros pequenos restaurantes e uma grande pizzaria, cujo projeto arquitetônico foi assinado por Helio Pellegrino.

Esse crescimento súbito indica a formalização de mais uma nova centralidade de comércio noturno, que tende a se expandir para suportar os novos serviços que vem se fixando na região. É interessante notar que, apesar do Independência Shopping ser a nova referência de comércio e entretenimento da cidade, ele não causou o ofuscamento das centralidades já instituídas, como o São Mateus e o Alto dos Passos. Isso evidencia dois aspectos: primeiro, que Juiz de Fora apresenta um mercado consumidor compatível com as ofertas de comércio noturno que vem surgindo, em segundo lugar: as relações comerciais e urbanas construídas ao longo dos anos nesses bairros estão firmemente consolidadas, e já se desenvolvem com

autonomia, não dependendo exclusivamente do fluxo de um único estabelecimento âncora, como visto no caso do cinema do Alameda.

Contudo, principalmente no Alto dos Passos e São Mateus, o comércio noturno vem dando sinais de saturação do espaço público, que vão desde a superlotação de calçadas e elevados níveis de ruídos, ao congestionamento de vias locais, ora por obstrução pelos pedestres, ora por falta de vazão do tráfego automotivo, indicativos de que ainda há um caminho longo a se percorrer nos quesitos: oferta de estacionamento, incentivo ao uso de transporte público e remanejamento viário.

A continuação do processo de descentralização ou de polinuclearização do comércio noturno deve estar pautada no estudo das variadas regiões da cidade dentro de suas particularidades, de forma a inserir estrategicamente instituições, empreendimentos-âncora e espaços públicos de lazer que incentivem o desenvolvimento dessas novas centralidades. Porém, as decisões devem vir acompanhadas da oferta de horários de ônibus alternativos, visto que grande parte das linhas encerram as atividades antes de uma hora da manhã, o que fomenta o uso intensivo de transporte individual ou táxi, sobrecarregando a malha viária.

Também apresenta-se urgente a revisão da Lei de Uso e Ocupação do Solo e do Código de Edificações. Uma vez que o poder público assume a atenção no desenvolvimento comercial dos bairros, é necessário que esses ambientes urbanos sejam consistentemente estudados, e que a legislação forneça o suporte necessário para o desenvolvimento comercial harmônico. Isso inclui: aumento das dimensões dos recuos em zonas de corredor comercial e previsão adequada de áreas de estacionamento, de forma que o lazer noturno possa ser realizado confortavelmente por comerciantes e clientes, sem incomodar os moradores dos bairros.

Com um olhar prospectivo, vislumbra-se a inauguração de importantes empreendimentos na cidade nos próximos anos; dentre eles está a construção do Hospital Regional de Urgência e Emergência da Zona Norte, que, localizado em um terreno adjacente ao Terminal Rodoviário de Juiz de Fora, atenderá toda a Zona da Mata. Um equipamento desse porte trará para essa região da cidade novas demandas e possibilidades de desenvolvimento do comércio noturno. Como expectativa fica uma dinamização das atividades, que hoje se encontram centradas em grande parte no setor gastronômico e de entretenimento. Paralelamente, a cidade necessita também de mais opções de supermercados, farmácias e lojas 24 horas, que atendam a esse novo modo de vida.

À guisa de conclusão, afirma-se ainda que, por meio desse estudo, percebe-se que a arquitetura comercial, quando bem planejada e, estrategicamente localizada, colabora para o desenvolvimento de seu entorno. Na realidade, os casos aqui apresentados ratificam a atividade comercial e de prestação de serviços como atividades intimamente relacionadas à dinâmica da urbe. A partir das relações entre o “morar”, o “recrear”, a mentalidade cidadina, o pensar globalizado, as atribuições da cidade-polo e a arquitetura que se projeta nas calçadas, buscou-se salientar que, historicamente, a dinâmica da vida nas cidades está intimamente relacionada com o desenvolvimento de seu comércio e prestação de serviços. Logo, a reflexão sobre a dinâmica dessas atividades não se trata de outra prática senão o próprio pensar a cidade viva.

5 Referências

ABDALLA, J. G. F. Tipologia da arquitetura e cidades: Uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: 2º Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, Rio de Janeiro, 03 a 04 nov. de 2011. **Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ e PPG-IAU USP, 2011. p. 14 -24. Disponível em: <<http://arquitetura.eesc.usp.br/ocs/index.php/sbqp2011/sbqp2011/paper/viewFile/384/244>>. Acesso em 17 set. 2012.

BRAIDA, Frederico. **Passagens em rede: a dinâmica das galerias comerciais e dos calçadões nos centros de Juiz de Fora e de Buenos Aires**. Juiz de Fora: Funalfa: Ed. UFJF, 2011.

COLCHETE FILHO et al., A. F. Estratégias habitacionais nos extremos: as habitações contemporâneas para alta e baixa rendas em Juiz de Fora, Brasil. In: 1ª Conferência de Planejamento Regional e Urbano & 11º Workshop APDR, Aveiro, 11 nov. 2011. **Anais da 1ª Conferência de Planejamento Regional e Urbano & 11º Workshop APDR**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011.

GERMAN VILLAGE. **História**. 2012. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~catm/historia.htm>>. Acesso em 24 set. 2012.

GUIMARÃES, S. **Juiz de Fora – Projetando Memória**. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Juiz de Fora**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=313670>>. Acesso em 17 set. 2012.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LOPES, F. Alta de aluguéis no Centro empurra lojistas para bairros. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora: 04 de set. 2011, Economia. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/economia/alta-de-alugueis-no-centro-empurra-lojistas-para-bairros-1.868823>>. Acesso em 17 set. 2012.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MASCARENHAS ARQUITETOS ASSOCIADOS. **Casa noturna Privilège**. 2012. Disponível em: <<http://www.mascarenhasarquitetos.com.br/projetos/lazer-e-entretenimento/privilege-juiz-de-fora/>>. Acesso em 24 set. 2012.

SÀNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SCHWENK, L. M. & CRUZ, C. B. M. Processos espaciais: descentralização da área central e da cidade e a segregação da favela e da cidade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v.27, nº 2, p.181-188, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/199/147>>. Acesso em 17 set. 2012.

VARGAS, H. C. Comércio 24 horas. Texto encaminhado à revista Folha de São Paulo por solicitação de Patrícia Pereira, matéria publicada com o título: Sem Parar. **Revista da Folha**. São Paulo, 30 jul. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/fau/deprojeto/labcom/produtos/2006_vargas_comercio24horas.pdf>. Acesso em 13 set. 2012.